

Patti Smith

M Train

Tradução de Helder Moura Pereira

Estações

Café 'Ino	17
Mudar de canal	37
Bolachinhas de animais	57
A consciência de uma pulga	77
Não vales um caracol	85
Um relógio sem ponteiros	97
O poço	103
A roda da fortuna	121
Como perdi a minha <i>Crónica do Pássaro de Corda</i>	143
O seu nome era Sandy	161
Vecchia Zimarra	175
Mu (O Nada)	179
Os espíritos etéreos da tempestade	211
O sonho de Alfred Wegener	227
O caminho até Larache	235
Pensar no que fazer e seguir em frente	249
Como a Linden destrói aquilo que ama	255
O Vale das Coisas Perdidas	259
A hora do meio-dia	265

M Train



NÃO É ASSIM TÃO FÁCIL escrever sobre coisa nenhuma.

Isto era o que um cowboy estava a dizer quando eu ia mesmo quase a entrar num sonho. Vagamente bonito, intensamente lacónico, ele balançava-se numa cadeira desdobrável, reclinado para trás, com o seu Stetson a roçar a parede exterior de um café isolado de cor parda. Digo isolado porque parecia não haver mais nada ali por perto, exceto uma bomba de gasolina fora de uso e um bebedouro enferrujado, enfeitado com um colar de moscas pousadas sobre os últimos resíduos da sua água estagnada. Também não havia ninguém por ali, mas isso não era coisa que o importunasse; limitou-se a puxar a aba do chapéu para cima dos olhos e continuou a falar. Era o mesmo modelo Silverbelly Open Road que Lyndon Johnson costumava usar.

– Mas nós continuamos o nosso caminho – prosseguiu ele, alimentando todo o tipo de esperanças loucas. – Para redimir a perda, um pequeno momento de revelação pessoal. É um vício, como jogar nas máquinas ou uma partida de golfe.

– É muito mais fácil falar sobre coisa nenhuma – disse eu.

Ele não ignorou a minha presença completamente, mas foi incapaz de contestar.

– Bom, de qualquer modo, toma lá os meus dois cêntimos.

– Estás prestes a desistir e a atirar os tacos ao rio, mas se bateres na bola com confiança vais ver que desliza certa para o buraco e depois vão chover moedas para dentro do teu boné.

O sol tocou na ponta da fivela do seu cinto, projetando um raio de luz que brilhou ao longo da planície deserta. Ouviu-se um assobio estridente, e, quando me virei para a direita, avistei a sua sombra a revelar mais uma série de sofismas numa perspetiva totalmente diferente.

– Já estive aqui antes, não estive?

Ficou ali sentado a olhar fixamente para a planície.

Filho da puta, pensei eu. Está a ignorar-me.

– Eh – disse eu –, olha que não estou morta, não sou só mais uma sombra a passar. Aqui há carne e osso.

Ele tirou um caderno do bolso e começou a escrever.

– Pelo menos, tens de olhar para mim – disse eu. – Afinal de contas, és o meu sonho.

Aproximei-me. O suficiente para ver o que ele estava a escrever. Tinha o bloco aberto numa página em branco e de repente percebi três palavras.

Não, é o meu.

– Bem, diabos me levem – murmurei. Semicerrei os olhos e fiquei ali parada a olhar para o que ele estava a ver – com o céu branco por trás, nuvens de poeira e ervas secas rodopiavam um pouco acima do chão. Absolutamente nada.

– O escritor é uma espécie de guia – disse ele arrastadamente.

Afastei-me, deixando-o a dissertar sobre os obstáculos retorcidos das sinuosidades da mente. Palavras que perduraram e depois desapareceram quando subi para um comboio só

meu, que me largou completamente vestida na minha cama desfeita.

Abri os olhos, levantei-me, fui a cambalear para a casa de banho e salpiquei a cara rapidamente com água fria. Enfiei as botas, dei de comer aos gatos, agarrei no meu boné de malha azul-marinho e no meu velho casaco preto e dirigi-me à rua tão minha conhecida do outro lado da avenida, a Rua Bedford, entrando depois num pequeno café de Greenwich Village.

